

# PASSEIO PÚBLICO

ELOÁ CARVALHO

Artista visual. Graduada em Pintura pela UFRJ e Mestre em Arte, Experiência e Linguagem pelo PPGARTES/UERJ. O trabalho de Eloá Carvalho está relacionado à imagem e articula-se com as camadas de memória, elaborando um lugar de conexão entre imagens e histórias. Se apresenta inicialmente com a ideia de uma paisagem velada, que sugere uma espécie de narrativa silenciosa, passando pela construção do espaço através da atmosfera psicológica das figuras e nas relações entre elas. As imagens, em sua maioria, são registros fotográficos que a artista se apropria, ora de arquivos institucionais, ora de arquivos pessoais. A capacidade de gerar diálogos internos entre os trabalhos, a relação com o cinema, o interesse pela História, pela cena, atrelado às fricções entre o fazer pictórico, a fotografia e o desenho, tudo isso compõe seu universo de investigação

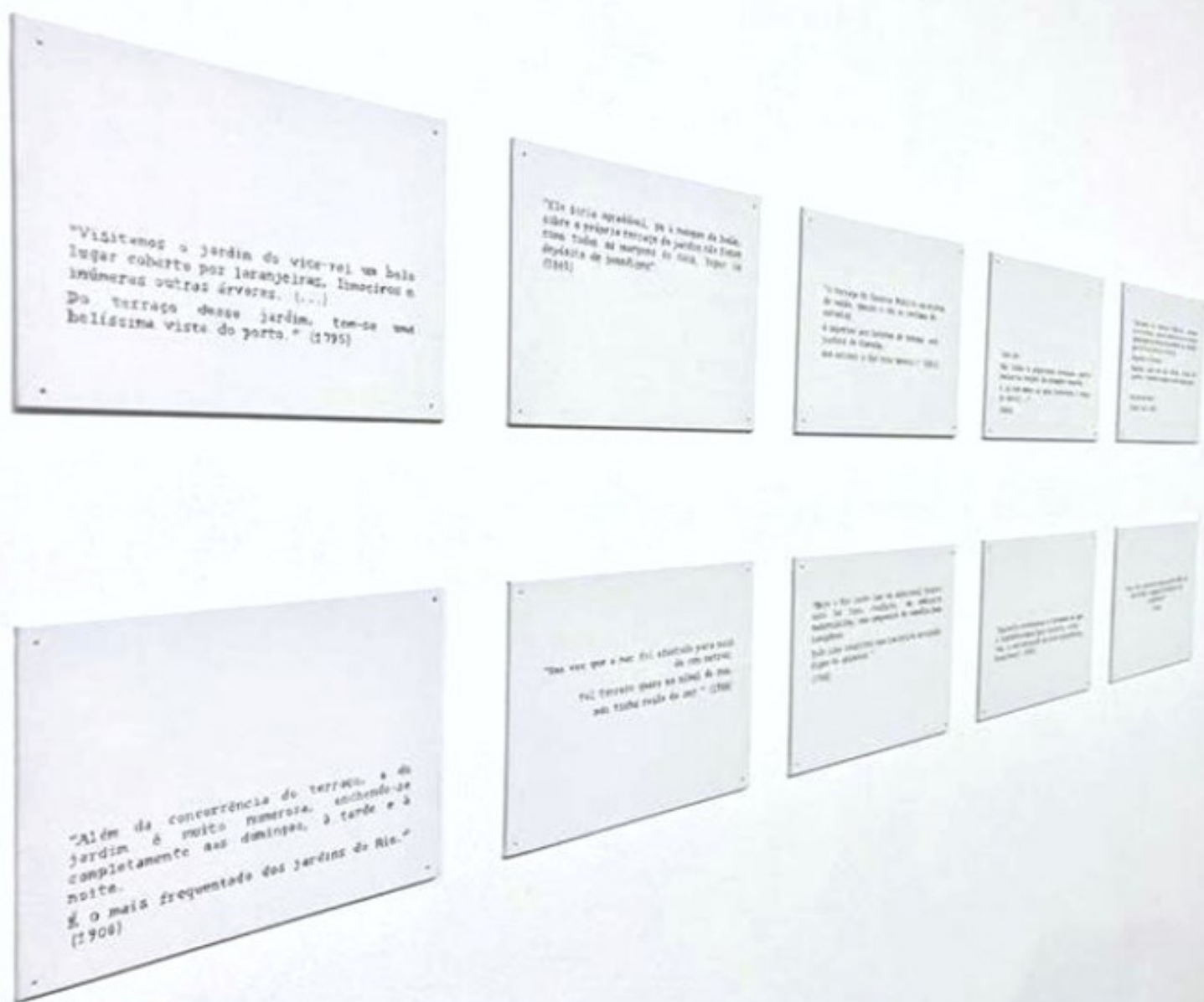
A vista do Passeio Público, sempre presente da janela do meu ateliê na Cinelândia, desperta a investigação sobre sua história e sobre o vazio deixado pela demolição arbitrária do Palácio Monroe nos anos 1970. A noção desse desaparecimento conduz à busca por outros apagamentos, como o antigo terraço de Mestre Valentim, antes um mirante aberto ao mar, impossibilitado de existir após o afastamento do mar com a construção da Avenida Beira Mar. É nesse lugar que surgiriam os Pavilhões do Passeio Público, concebidos para a Exposição Internacional de 1922, mas concluídos tardiamente e convertidos no Theatro Cassino e no Cassino Beira-Mar, ambos de vida breve e igualmente eliminados da paisagem. A partir desses vestígios e ausências, os trabalhos da artista se articulam entre pinturas que procuram revelar um Rio de Janeiro extinto. Em *Vamos acabar de vez com esses trambolhos* e *Nocturno*, evocam histórias através de imagens condenadas ao esquecimento. Já *Contradições* reúne falas sobre o Passeio desde sua inauguração, registradas em aquarela sobre cartões, compondo uma linha do tempo que flutuam entre elogios e críticas que revelam os ciclos de cuidado e abandono do jardim até sua restauração em 2004.

passeio público,  
memória,  
pintura,  
desaparecimento.





ELOÁ CARVALHO, *VAMOS ACABAR DE VEZ COM ESSES TRAMBOLHOS*, 2023.



ELOÁ CARVALHO, *CONTRADIÇÕES*, 2023.

"Visitamos o jardim do vice-rei um belo lugar coberto por laranjeiras, limoeiros e inúmeras outras árvores. (...)  
Do terraço desse jardim, tem-se uma belíssima vista do porto." (1795)

"Além da concorrência do terraço, a do jardim é muito numerosa, enchendo-se completamente aos domingos, à tarde e à noite.  
É o mais frequentado dos jardins do Rio." (1908)

ELOÁ CARVALHO, *CONTRADIÇÕES (DETALHE)*, 2023.



ELOÁ CARVALHO, *NOTURNO*, 2023.



A vista do Passeio Público faz parte da minha rotina. Da janela do ateliê vejo uma grande área verde que se destaca entre os prédios da Cinelândia. Ao começar a pensar e a pesquisar sobre a história desse jardim, volto à vista da minha janela e percebo a estranheza do grande vazio entre mim e o Passeio: ali existia o Palácio Monroe demolido arbitrariamente nos anos 70, e que até hoje não se entende o verdadeiro motivo de sua destruição. A partir dessa ideia de desaparecimento (possibilitado pelo descaso de sucessivos governos do Rio de Janeiro), retorno para a história do Passeio.

Dentre todo material em que pesquisei, sempre figurou um lugar cujo não conseguia localizá-lo dentro das dimensões atuais do jardim. O terraço de mestre Valentim ficava nos fundos do Passeio no qual sua principal atração era a vista e a brisa do mar. Com o passar de muitos anos e o início da modernização da cidade, a construção da Av. Beira Mar foi o marco para a derrocada do terraço: quando o mar começa a se afastar do jardim, o destitui de sua função de mirante e de lugar privilegiado. Assim, chego aos Pavilhões do Passeio Público, que seriam construídos exatamente sobre o antigo terraço.

Essas construções idealizadas para a Exposição Internacional de 1922, não ficariam prontas a tempo e acabaram se destinando à outras funções, nascendo então o Theatro Cassino e o Cassino Beira-Mar. Com acabaram se destinando à outras funções, nascendo então o Theatro Cassino e o Cassino Beira-Mar. Com uma vida curta, esses edifícios duraram apenas doze anos, entrando parar a lista de locais destruídos da cidade; apagamentos da história do Rio de Janeiro.

Para essa exposição propus realizar dois trabalhos que de algum modo são complementares. Partindo de uma imagem de um cartão-postal do Theatro Cassino Beira-Mar (e parte do Monroe), quero dar a ver através da pintura uma paisagem extinta, onde nada se parece com a atual. Um Rio de Janeiro esquecido com quase nenhum vestígio do que foi. A pintura “Vamos acabar de vez com esses trambolhos”, é a tentativa de trazer uma história condenada a ser esquecida.

Outro trabalho proposto parte das falas recolhidas sobre o Passeio Público, desde sua inauguração. A ideia é trabalhar nas contradições desse jardim histórico, em seus altos e baixos dos cuidados e descasos dos órgãos públicos vigentes. Composto por 10 cartões rígidos, essas falas escritas com aquarela propoem imagens mentais através dos textos apresentados. Tento criar uma espécie de linha do tempo do próprio Passeio através de críticas positivas e negativas desde sua inauguração até sua última restauração em 2004.